

# A clínica enquanto acontecimento<sup>1</sup>

Mário Francis Petry Londero  
Simone Mainieri Paulon

Ergo-me da cadeira com um esforço monstruoso,  
mas tenho a impressão de que levo a cadeira comigo,  
e que é mais pesada, porque é a cadeira do subjectivismo.

Fernando Pessoa<sup>2</sup>

A cadeira que pesa no corpo de Bernardo Soares<sup>3</sup> em sua tentativa de levantar-se expressa o destino humano acorrentado às instituições no que elas têm de impotência para lidar com o inusitado, isto é, com os acontecimentos que nos elevam sobre nós mesmos. Ainda que sua força seja voltada para o novo, o inusitado sofre a pressão advinda da “cadeira do subjectivismo” que tenta travancar o que se inventa para além do cotidiano posto: a cadeira pesa para quem deseja se levantar e ir mais longe! Não obstante, o acontecimento insiste – “é um mínimo de ser, encarnando-se nos corpos para uma possível expressão”<sup>4</sup> inédita que alça passagens para as singularidades nascentes destoantes da lógica burocrática imprimida sobre o amanhã, descolando de nosso corpo a cadeira poetizada por Pessoa. Uma clínica em ato parece fazer-se presente e resistente, justamente, nessa relação entre espreitar deslocamentos que permitam um reinventar-se na vida junto às amarras institucionais do cotidianizar-se.

Para pensar a relação entre a clínica e a produção de acontecimento, trataremos de discorrer sobre o assunto apoiando-nos em um processo grupal balizado por encontros em um grupo de convivência. Esse trabalho terapêutico, que mais adiante chamaremos simplesmente de *o grupo*, era oferecido a variadas pessoas que se apresentavam com algum sofrimento psíquico, e era regido por certa relação caótica: não sabíamos muito bem por onde começar, o que iríamos

1 A escrita deste artigo é resultado de um dos capítulos da dissertação do autor Mário Francis Petry Londero, sob a orientação de Simone Mainieri Paulon, intitulada *O acontecer na clínica: quando o criar resiste ao cotidiano*. Programa de Pós Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), defendida em abril de 2011.

2 Pessoa, F. *Livro do desassossego*: composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa. Organização Ricardo Zenith. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 171.

3 Heterônimo de Fernando Pessoa que escreve o *Livro do desassossego*.

4 Amarante, A. H. P. *Ética do acontecimento: Uma leitura da filosofia de Gilles Deleuze*. Dissertação. (Mestrado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia, Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006, p. 55.

fazer, nem mesmo se faríamos alguma coisa. A partir do encontro, era instalada a provocação do conviver, do *viver com*, transitando na mais tênue linha que demarcava cada um dos integrantes em suas dificuldades e singularidades, para criar algo junto ao coletivo.

Relembrando um pouco os processos sofridos dentro do grupo, parece que, ao dispararmos tal espaço, em um primeiro instante, o comum entre os participantes ainda se fazia frágil, permeável e com poucas zonas de contato constituídas. Era um grupo composto por pessoas vindas de vários lugares, com formas de viver heterogêneas. Por isso mesmo, circulava um movimento de atenção inventiva para o que não se podia pensar senão a partir do que se estabelecia na relação em ato que se vivenciava. Relações novas eram percorridas por ali, em composições soltas, por corpos que se arriscavam a vibrar de maneira sincrônica. E nesses lugares soltos era permitida uma maior passagem dos fluxos intensivos em um movimento de composição por nascer.

Um dos dispositivos criados pelo grupo, que melhor exemplifica esse processo artesanal do conviver, era o momento da musicalidade: nele se relacionavam no desafinar, no ritmar e no encontrar-se com a música, experimentando movimentos de produção musical, mesmo que isso fosse sutil devido às dissonâncias em termos de desenvolvimento da musicalidade que existia no próprio grupo. Era interessante sentir a elevação da musicalidade ao se constituir um corpo musical harmônico e criativo com o passar dos encontros/ensaios. Processo lento, mas que, em sua composição, ganhava uma potência que inundava o desenrolar grupal. E, à medida que se produzia um corpo musical sincrônico, se expressavam as variâncias de cada integrante que participava dessa musicalidade. Viam-se seus esforços, suas apostas e criações que se efetivavam enquanto singularidades na relação com o grupo em estado musical. Nossa convivência estava num crescente que possibilitava encontros criativos, sensibilidades que afloravam na medida em que um integrante transformava o outro a partir do que ofertava.

Entretanto, essa intensidade inventiva dos primeiros encontros, que parece perpassar as relações em geral, com o desenrolar do tempo forma uma zona de conhecimento entre os corpos que se afetam e se compõem – territórios inventados e compartilhados. E quanto mais essas composições se acumulam, mais os deslocamentos de fluxos nos corpos vão perdendo sua vitalidade para interagir um com o outro. Seus movimentos já estão traçados junto ao outro corpo companheiro: as igualdades se somam, conhecem-se as diferenças e, por isso mesmo, muitas vezes, elas são evitadas.

Os corpos fazem trajetos um no outro e parecem viciar-se neles, percorrendo sempre as mesmas paisagens já traçadas, compartilhando-as de maneira a extinguir o inusitado. Desejam-se as mesmas respostas, neutralizando os encontros e “abolindo a dimensão imprevista do futuro, presentificando-o como um já dado”<sup>5</sup>. Talvez, isso diga um pouco das relações que acabam por se ‘enojarem’ de tanto percorrerem certos trajetos já delimitados em um cotidiano que vem à

5 Pelbart, P. P. *A nau do tempo-rei: sete ensaios sobre o tempo da loucura*. Rio de Janeiro: Imago, 1993, p. 34.

tona. Os trajetos prontos, feitos e refeitos, nos distraem na força que empurra o pensar tanto para o passado como para o futuro, restando-nos uma espécie de ‘piloto automático’ como possibilidade para lidar com o presente no que ele poderia trazer em termos de atualizações. Dessa forma, um “anseio” em “prever os acontecimentos” se torna vigoroso, na tentativa de antecipar o que em si poderia trazer de inusitado para a relação, em um jogo que recusa a “experimentação do acontecimento” diante de um “futuro completamente predeterminado”<sup>6</sup>.

O presente fica desatento, esquecendo-se de si mesmo em direção a um recordar dos momentos passados nos quais os corpos realmente pareciam se chocar, assim como se esvai em um futuro a se imaginar, na intenção de que ele devolva a intensidade de que carece neste presente submisso aos mapas anteriormente traçados sobre as relações em que já se é. “Os seres, enquanto estiverem presos entre a espera de um futuro e o abandono do passado, não estão totalmente vivos”<sup>7</sup>. Na mesma linha, podemos pensar que o “homem de ação”, ao contrário desses seres ressentidos, está sempre antenado com atual, pois “esquece a maior parte das coisas para fazer uma apenas, é injusto com o que se encontra atrás dele e só conhece um direito, o direito daquilo que deve vir a ser agora”<sup>8</sup>. No caso, um presente que faz emergir o ato, que se move e se inventa diante do encontro que está atrelado naquele instante, esquecendo-se do que já foi e do que se projeta ser para um possível apaziguamento. O homem de ação se conecta com o plano virtual que “retém o passado e intui o futuro, fazendo-os coincidir com o presente”<sup>9</sup>, isto é, faz com que os tempos confluem e se atualizem.

Após algum tempo de convívio no *entre* de nosso grupo, parece que esse lugar dado, demarcado enquanto territorialidade, se instalara de maneira vigorosa nas relações que até então circulavam. O grupo já tinha sua razão de viver, chegando à casa de encontro pronto para a hora da música, que logo passava para a do lanche e que, de maneira enfadonha, transcorria até o momento de irmos à praça. Circuito fechado que pouco desbravava a intencionalidade primeira do grupo que se fazia em uma convivência inventiva. Nesse sentido, começavam a se fazer presentes questionamentos em relação a esse processo transcorrido: como desviar os encontros presentes dessa estrada já tão percorrida que se nega a mirar para um campo ainda não tornado trivial? Como a clínica, em si mesma, pode se transmutar a partir de encontros que intervêm e que parecem estar sem saídas, engessados? Muitos possíveis podem ser inventados diante do enfadonho, no entanto, como possibilitar que tal processo criativo se eleve diante dos territórios já demarcados?

No caso do grupo de convivência, no limiar desse momento de parada em relação aos processos inventivos, o que se processou foi a emergência de um acaso a partir de um encontro no qual algumas coisas saíram ‘erradas’. Nessa perspectiva, a questão da clínica não é a de imprimir uma força que intencione inventar – mo-

6 Ibidem, p. 33.

7 Aragon, L. E. P. *O Impensável na Clínica: virtualidades nos encontros clínicos*. Porto Alegre: Sulina/UFRGS, 2007, p. 76.

8 Nietzsche, F. W. *Segunda consideração intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida*. Tradução Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003, p. 13.

9 Aragon, L. E. P. *O Impensável na Clínica*, op. cit., p. 76.

vimento que assim ganharia um ar forçado – e nem mesmo deixar o acaso dirigir a invenção, mas de um espreitar-se no sensível das relações. Entendendo que as relações contêm o gérmen do impensável, a clínica deve se ater e dar passagem para o surgimento dos imprevistos, das ações que desviam e que parecem erradas dentro de uma lógica calcada pelo acerto – trata-se de “fazer do acaso um objeto de afirmação<sup>10</sup>”.

Pelo viés da surpresa, certo dia, em um dos encontros do grupo de convivência, já demasiadamente programado em suas atividades, se instalou um vazio devido à falta do terapeuta que conduzia mais efetivamente a oficina musical. A tarde se fazia nublada e chuvosa. Era daqueles dias preguiçosos. Nesse panorama, não se pôde trabalhar a atividade musical da mesma forma, nem fomos à praça e, por falta de vontade de nos molharmos, não saímos nem ao menos para comprar o lanche da tarde, já tão demarcado e esperado. Ou seja, o grupo de convivência, neste dia, virou do avesso, não contemplando absolutamente nada do que era conhecido e naturalizado. ‘OPA!’ Um espaço potente para a invenção e para ultrapassamentos caía sobre nossas cabeças em pleno dia arrastado. Será que conseguiríamos nos esticar por territórios inusitados?

Em um primeiro momento, uma leve angústia dolorosa toma conta: “o processo dói. Vir a ser é uma lenta dor boa. É o espreguiçamento amplo até onde a pessoa pode se esticar<sup>11</sup>”. A sensação vai entrando no coletivo, tomando corpo, não se sabendo até onde o espreguiçamento se dará; afinal, todas as verdades em que o grupo se apoiara nos últimos meses pareciam desmoronar. E o caos, bem-vindo no início do grupo, agora trazia a sensação angustiante da perda do chão já solidificado. Não que esse solo posto não estivesse cansativo e monótono, mas era uma espécie de porto seguro no qual as relações transcorriam.

De certa forma, neste momento inseguro pela perda de seu funcionamento instituído, o grupo se aproximou de maneira muito aconchegante, deixando instalarem-se brechas para a criação a cada ato do processo grupal. Nisso, acabou por se fazer uma roda de música completamente anárquica, mas que, com o passar das músicas e com a afinação do sensível do grupo, se transformou em um tocar e cantar extremamente animado, diferente daquilo que já estava pronto e mecanizado pelos encontros passados. Não ensaiávamos naquele instante as mesmas músicas para alcançarmos certo virtuosismo no tocar. Transitávamos por outras canções, por letras e sons que nunca antes se fizeram presentes.

O arrastado grupo se mostrou prenhe de criação, tomando conta de uma oficina de musicalidade que até então ocorria com certa dependência em relação a um de seus integrantes com mais experiência musical. Os olhares denunciavam um deslumbamento na sua capacidade de criação, os quais se chocavam com o inesperado com que cada um contribuía para o grupo naquela tarde. Da mesma forma, a falta do lanche e do futebol na praça serviu para um momento de aproximação e de invenção de comidas simples, feitas no momento, com o

---

10 Deleuze, G. *Lógica do sentido*. Tradução Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 2007, p. 63.

11 Lisspector, C. *Água viva*. Rio de Janeiro: Círculo do Livro, 1973, p. 75.

que havia na cozinha. Sem os salgadinhos e os refrigerantes costumeiros, o grupo, mesmo repetindo as atividades que normalmente transcorriam nos nossos encontros, realizou-as de maneira diferente, sendo abarcado pelo inusitado que ali se manifestava. Tudo em um tempo mais demorado, no tempo do inventar – “tempo Aion com seus paradoxos de lógica insólita que se faz distante de uma coerência superior” –, bem diferente do tempo cotidiano – “tempo Cronos em sua linha contínua dos presentes encadeados<sup>12</sup>” – que passa mais rapidamente e sem maiores percalços. O grupo, após este encontro delineado pelo impensável, nunca mais foi o mesmo...

Sair do mediano, do cotidiano previsível – seria para isso que o conceito de acontecimento vem contribuir como dispositivo para a clínica? Como espreitar o acontecimento no processo clínico a fim de possibilitar aberturas para o impensável? Afinal, é em razão de sua potência desviante que o acontecimento produz efeitos de deslocamento.

O contrário disso é o que se passa quando nos habituamos com o cotidiano, lugar do não viver, da sujeição do acontecimento ao controle repetitivo do mesmo, no qual, “por automatismo do pensamento, ou ignorância do vivo da vida, esperava-se o encontro costumeiro, das pessoas habituais<sup>13</sup>”. Ora, ao trazermos o exemplo do grupo de convivência, vê-se o quanto ele já estava automatizado, ignorando essa potência do vivo da vida, isto é, negando as brechas que instalam as singularidades ainda não individuadas do plano da virtualidade. E isso acarretava junto ao grupo uma fragilização no que havia de potente em seu começo: sua abertura para o inventar.

O acontecimento é o instante vivo da vida, o conjunto de virtuais que se atualizam em sua expressividade e com o qual a vida se mostra de maneira plena, pois produz deslocamentos que provocam uma espécie de anulação nas identidades enraizadas. Neste mundo, sobretudo atravessado pela grande instituição capitalista<sup>14</sup> com sua máquina a sobrecodificar os valores de uso, uma clínica provocadora do sensível que se expressa no acontecimento poderia ser uma boa forma de enfrentamento do anestesiamento para o inusitado que tal subjetivação dominante produz. De certa forma, os acontecimentos – na sua potência de transpor aquilo que já era tido como natural nas relações cotidianizadas – desatualizam as máquinas técnicas do capitalismo, em outras palavras, fazem caducar seus mecanismos de controle.

A clínica, ao espreitar e pulular o sensível, permite uma desestabilização das instituições que se asseguram, a partir de suas fôrmãs, em todos os graus das relações humanas por elas perpassadas, assim como, também, a partir de seus efeitos instituintes possibilita produzir o esquecimento das marcas identitárias que afundam o sujeito em uma interioridade voltada para o igual. A

---

12 Pelbart, P. P. *O tempo não-reconciliado*. Imagens de tempo em Deleuze. São Paulo: Perspectiva, 2004, p. 95.

13 Aragon, L. E. P. *O Impensável na Clínica*, op. cit., p. 65.

14 Essa problematização do reinado da instituição capitalista no mundo contemporâneo é o foco de duas das mais importantes obras de Deleuze e Guattari: *O anti-Édipo*: capitalismo e esquizofrenia e *Mil Platôs*: capitalismo e esquizofrenia.

clínica se torna um ato expressivo de recusa ao cotidiano, e, nessa atenção experimental para o instante no qual se está posto, permite criar e mesmo reinventar tanto o futuro quanto o próprio passado, ao afirmar o desejo como força agenciadora de impensáveis. É o acontecimento como ferramenta clínica de “atualização e por vir, mas também de desatualização do hoje”<sup>15</sup> no que ele traz de previsibilidade para o viver.

Rauter, apoiada em Nietzsche, trabalha essa clínica relacionada com o acontecer ao comentar que “o esquecimento provém das forças da vida, quando em seus momentos de plenitude, de criação e de paixão, esquece o passado e a história”<sup>16</sup>. Ou seja, produz uma amnésia positiva, criando novos ‘Eus’ em um sujeito que, em padecimento, estaria mergulhado em sua interioridade segura, mas que de certa forma estaria morto em vida, nulo para a produção de novos sentidos. Assim, ao vigorar o esquecimento propiciado pelo ato de se atualizar junto ao mundo, é possível passear por horizontes diferentes, por impossíveis que são o próprio acontecimento como o entende Derrida, a partir da leitura de Araújo que relaciona:

(...) o conceito de acontecimento com o impossível. Não que um acontecimento seja impossível de acontecer, porém só há acontecimento se um possível salta do impossível de forma sempre surpreendente, um possível incalculável, imprevisível, incondicionado (...) A ideia é de que só o impossível acontece, já que o possível apenas se repete<sup>17</sup>.

No caso, é na peculiaridade do impossível, do até então impensável, que se passa o acontecimento, já que ele não tem lugar, nem identidade e sequer existe enquanto real até se expressar no encontro de corpos que o produz e que provoca um deslizar – efeito de superfície. O acontecimento, então, é o entrechoque dos corpos, mas, para além disso, é o que se expressa nesse encontro, que em seu acidente possibilita a diferença e a produção de sentido. “Quando o impossível se faz possível, o acontecimento tem lugar” e “ele deve de uma certa maneira interromper esse tipo de história”<sup>18</sup> que até o momento transcorria de maneira linear e sem sobressaltos.

Deleuze trata do quanto “o sentido”, efeito do acontecimento quando expresso, “é produzido”<sup>19</sup> e não desvelado e, também, de como ele sempre escapa quando se tenta dar-lhe um significado. Em Deleuze, o sentido se passa na superfície, e é efeito dos incorporais que estão fora do tempo do senso comum (tempo Cronos).

15 Cardoso, I. de A. R. Foucault e a noção de acontecimento. *Tempo Social*, Revista de Sociologia da USP, São Paulo, v. 7, n. 1–2, p. 56, out. de 1995.

16 Rauter, C. A memória como campo intensivo: algumas direções a partir de Deleuze, Nietzsche e Proust. In: Fonseca, T. M. G.; Francisco, D. J. (orgs). *Formas de ser e habitar a contemporaneidade*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2000, p. 28.

17 Araújo, F. *Um passeio esquizo pelo acompanhamento terapêutico: dos especialismos à política da amizade*. Niterói: Fábio Araújo Ed., 2007, p. 46.

18 Derrida, J. *Papel-máquina*. Tradução de Evandro Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2004, p. 279–281.

19 Deleuze, G. *Lógica do sentido*, op. cit., p. 75.

“Os incorporais por sua vez são de outra natureza, não são corpos, já que possuem uma existência mínima, no caso, eles insistem, é o próprio acontecimento”<sup>20</sup>!

Nesse caso, o sentido expresso, este mínimo de ser, ganha o nome de acontecimento, sendo esse um conjunto de singularidades pré-individuais que entram em jogo produzindo expressos. O mínimo de ser abre um espaço para o deslocamento daquilo que já contém nomes, numa saída do ser para a produção do devir. Deleuze, comentando a Alice de Lewis Carroll<sup>21</sup>, trata de mostrar o quanto a perda do nome próprio se faz necessária para a aventura da criação – da produção de sentidos:

Pois o nome próprio ou singular é garantido pela permanência de um saber. Este saber é encarnado em nomes gerais que designam paradas e repousos, substantivos e adjetivos, com os quais o próprio se conserva em relação constante<sup>22</sup>.

Com isso, o nome próprio – a permanência de um saber – faz o ser, produz paradas e repousos – repetições do mesmo –; no entanto, o sentido se passa no movimento, no devir que irrompe nas relações. Dessa maneira, sendo a produção de sentido um movimento de constante devir, o vivo da vida, como relacioná-lo com a clínica? A clínica poderia proporcionar um espaço de fomentação de acontecimentos ao espreitá-los? Parece que a tarefa está, justamente, em “dar passagem para as singularidades pré-individuais e não pessoais”<sup>23</sup>, ou seja, destituir de qualquer significado já dado nas palavras e nas coisas para assim produzir sentidos outros. Isto é, a clínica se valeria do acontecimento para, a partir dele, instaurar processos criativos naqueles que estão com algum tipo de sofrimento, ou, aproximando-nos da obra deleuziana, que experimentam algum tipo de parada. Em outras palavras, o sofrer da doença está na paralisia, ficando cada vez mais forte a produção do adoecer caso se deixe levar por tal estado. A doença emperra as “passagens de vida, produzindo estados no qual o processo é interrompido, impedido. A doença não é processo, mas parada de processo”<sup>24</sup>.

A produção de acontecimento, então, se faz em uma espécie de desaceleração do cotidiano da vida, já que tanto esse dia-a-dia enfadonho como as identidades fixadas em um eu aprofundado fazem com que o sujeito transite por sua vida de maneira distraída, anestesiado e acelerado para o impensável a partir do que em si está instituído. O sujeito se assegura em suas identidades de maneira a sempre prever qualquer situação que o desloque de seu eu identitário – minguan-do os acontecimentos e o que eles convocariam a criar. Nesse sentido, uma clínica que ofereça passagem aos acontecimentos se faz como dispositivo para romper e desestabilizar essas identidades, já afuniladas, naqueles que a procuram. Pelbart comenta os efeitos do acontecimento no sujeito que, a partir do instante em que é invadido pelas forças do inesperado, sofre uma fratura, que reverbera por todos os lados de sua vida:

20 Amarante, A. H. P. *Ética do acontecimento*, op. cit., p. 56.

21 Trata-se do livro *Alice no país das maravilhas*.

22 Deleuze, G. *Lógica do sentido*, op. cit., p. 3.

23 *Ibidem*, p. 76.

24 Deleuze, G. *Crítica e Clínica*. Tradução: Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed 34, 1997, p. 13.

Toda uma fratura que enfia a vida num desfiladeiro inclemente. Percebe-se que esse “depois” (de uma superação) não se refere a um conteúdo empírico, que a desagregação não é apenas um desfazimento, que a morte ela mesma não é um fato. Na verdade, a cesura ela mesma não é um incidente, mas um acontecimento, sem localização temporal determinada (por mais que ele assim possa ser exprimido) A cesura como constituinte da ordem do tempo, em que sempre se está a viver o “depois” de uma catástrofe (...) onde o sujeito sente-se rachado para sempre, inapelavelmente (...) <sup>25</sup>.

Esse potencial de cesura que o acontecimento carrega, a possibilidade de viver após uma catástrofe de maneira inapelavelmente diferente do que até então se podia imaginar, parece ser o que a clínica pode fomentar em sua prática. Neste movimento de ajudar a lidar com o trágico da existência, caberia ao clínico acompanhar e experimentar, junto a quem o procura, esse processo de tessitura da vida e suas futuras reverberações. Claro que, para isso, há que ter por parte do clínico uma flexibilidade na alma, pois o acontecer envolve todos os corpos que por ele perpassam. E é nessa flexibilidade de alma, que se abre ao corpo do outro, que o próprio analista pratica um espreguiçamento de si, com o qual passa a se processar de maneira inventiva para dar conta dessa fragilidade relacional que se está a problematizar com o acontecer reverberado na clínica.

Voltando ao grupo de convivência, podemos verificar o quanto ele sofreu um desabituar em suas zonas de aproximações já postas, em seus territórios constituídos, necessitando enfrentar essa sensação de ‘tonteamento’ que o inesperado convoca a entrar. E a clínica, em sua oferta de acolhimento do insuportável que advém do inesperado, deve muito mais dar passagem para os novos sentidos que estão a se produzir, do que tentar controlar tal deslocamento para logo instaurar um efeito identitário sobre ele. Parece-nos mais potente, no caso, vivenciarmos o quanto nossos ‘Eus’ são inviáveis e pequenos, quase ilusórios perto do intempestivo que, volta e meia, nos invade, sendo necessário então sustentar a passagem de inusitados para o estabelecimento de sentidos que nos compoñham de maneira a nos dar mais vigor nas relações que percorrem o viver.

O acontecimento, em sua potência, nos sensibiliza, visto nos mostrar a fragilidade de um eu que se habitua a percorrer o mesmo circuito de vida. Como é difícil sair de tais cotidianos que nos formam! Mais difícil ainda é a sensação da fragilidade no momento em que nossos ‘Eus’ são extraviados quando invadidos pelo caos. Ficamos a sentir tudo! Tudo nos ameaça e sensibiliza ganhando outros possíveis.

Contudo, em um espaço/tempo de controle como o de nossa sociedade, será viável todo esse estretecimento no âmago de um indivíduo, grupo ou instituição? Isso é possível em uma sociedade moldada pela produção capitalista,

---

25 Pelbart, P. P. *O tempo não-reconciliado*, op. cit., p. 84.



cada vez mais veloz, que acaba por enfraquecer os acontecimentos que, quando efetivados, possuem a potência de deslocamento nesta burocratização do amanhã? Ao que parece, a produção de acontecimentos, o sensibilizar-se para com a vida inventando outros viveres, é o mote de toda uma espécie de resistência frente ao cotidiano. Difícil não se anestesiarem, não se precaverem para com a vida, mas impossível viver sem a esperança de que daqui a um segundo a vida transcorra de maneira inesperada!

\*Mário Francis Petry Londero é psicólogo, mestre em Psicologia Social e Institucional e pesquisador do grupo INTERVIRES: loucuras em rede (UFRGS). É residente em saúde mental na residência integrada em saúde do Grupo Hospitalar Conceição e graduando em Ciências Sociais.

\*Simone Mainieri Paulon é psicóloga e doutora em Psicologia Clínica. Professora adjunta da UFRGS, atua junto ao laboratório de políticas públicas do Departamento de Psicologia Social e Institucional e ao PPG de Psicologia Social, onde coordena o grupo de pesquisa INTERVIRES. É consultora do Ministério da Saúde junto à Política Nacional de Humanização (PNH).